

## *Solidão da mulher preta em sensações*

*O peito aperta,  
O que confortava com presença  
Ao sumir, dilacera*

*Planos e rumos, em pouco tempo  
Se perdem  
Promessas com sorriso feitas,  
Hoje quebradas, ferem*

*Verbos conjugados,  
Corpos conectados,  
A distância que tomam,  
Aos poucos são desgastados  
Era eterno no passado,  
Hoje apenas recordado*

*Entre idas e vindas,  
Mais uma tentativa que  
Pela realidade sufocante, falha*

*Os registros ficam, assim como a desilusão  
Passa gente, passa tempo  
E permanece pra nós, a solidão.*

## Mãe preta

Dedicação: Renecir <3 (mamãe)

Raízes de nossa resistência, mulheres brasileiras  
Firmes na essência  
Fortes de mãos dadas  
Musas do cotidiano, cheias de garra  
Mães estas que todas as noites tem que enxugar  
as lágrimas que insistem em despencar.

Sem incentivo, na madrugada correndo perigo  
Ainda tem força para os opressores derrubar  
E fazer no dia-a-dia a luta se consolidar!

## Vênus em terra

Dedicação: Lorraine Paixão

Ei, você, Vênus em terra...  
Deixa eu plantar no seu solo?  
- Só se for jasmim .

## Bacural

Na tempestade, todo pio gera arrepio.  
Acelero o passo e olho para todos os lados.  
Enquanto isso tento fugir do que na minha  
[pele foi marcado.  
Pala de paranóia não nos representa, fui avi-  
sada desde cedo sobre o perigo que a rua não  
[apresenta

Estamos acostumados com essas tretas,  
Sair de casa com medo quando a madrugada  
[chega  
Pela insegurança na probabilidade em se tornar  
Apenas mais um número de estatística de pobres  
[mortos nas mãos de gente que age

De má fé  
Objetizando, subestimando, exotizando, erotizando,  
[nossos corpos

A esperança da negritude ativa na missão  
É mudar a realidade e fortalecer a irmandade  
Para que não leve muito tempo até se tocarem  
Que é idiotice agir como agem,  
E no domínio que eu mando a pala  
Desafiando essa gente “pálida”  
Que sem conhecer a história do meu povo negro,  
Sai por aí dizendo  
Que sou pobre de cultura

De dinheiro até pode ser,  
Mas isso jamais nos tortura  
Por que desde pequena aprendi a me virar,  
ganhando experiência para me auto afirmar  
P R E T A

De atitude

## TRANSBORDANDO

Bonita, com sabedoria encantando

Pois faz parte do ser, saber, compartilhar e aprender

Porque todo dia a realidade me bate na porta,  
gritando "reaja ou será morta!"

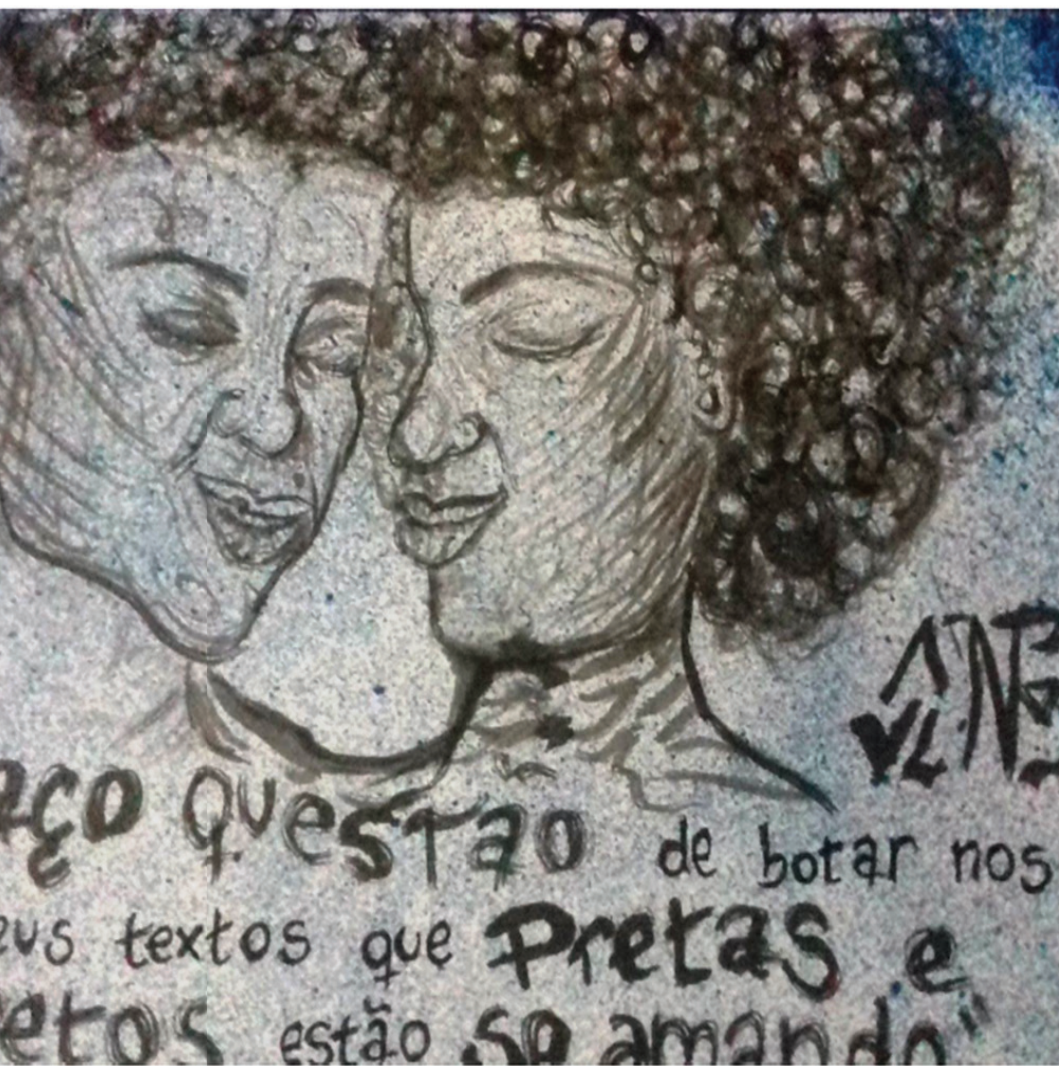
E pra quê ficar cultivando o medo?

Se levantar é atitude e pra isso não tem remédio,  
[nem segredo.

Quem não quer arruma uma desculpa, quem  
[quer arruma um jeito.

Por isso levante-se, a luta também é sua!





livre como o verso \ 2017 \ nanquim sobre papel

Sou professora, formada na UFES, militante para a implementação das leis 10.639 / 03 e 11.645 / 08 no currículo escolar. Publicando trabalhos anuais, colaborando no debate e exemplificando como trabalhar as referidas leis, utilizando a literatura afro brasileira



e indígena. Nesse tempo de profissão, recebi 3 prêmios e duas homenagens de diferentes municípios nos quais foram possíveis ampliar e contribuir no referido debate. Sou baiana, morando no ES desde minha 1ª infância, por isso, me sinto pertencente a essas duas culturas, pois morei no norte do ES até os 22 anos, onde a cultura africana e indígena é latente, o que me deixou culturalmente muito confortável. Moro em Vitória há 17 anos. Atualmente sou professora efetiva na rede municipal de Vitória, no qual me orgulho de ter trabalhos publicados, tendo sido deles, inserido nas Diretrizes Curriculares de Ensino deste mesmo município, no tópico de Educação para a diversidade.



## *Nota -se*

*Nota-se na minha pele,  
Nota-se no meu cabelo,  
Nota-se no meu sorriso e gargalhada,  
Nota-se nas minhas escolhas,  
Nota-se no meu paladar, no meu instinto,  
Em minhas mãos, nos dedos dos meus pés,  
Nota-se no meu caminhar,  
Notam-se nas minhas raízes, veias e sangue,  
No meu cheiro, no molejo e balançar da vida  
No meu axé,  
Nota-se nas paredes da minha casa, na varanda,  
No jardim de ervas no parapeito das minhas janelas,  
Nota-se,  
Minha nobreza africana.*



## Desejos e desesperos: Renascer do Humano

Matem a arrogância, a miséria, a fome

Matem a intolerância que com vários rostos e disfarces  
assassinam nosso povo preto.

Matem a mentira, a desinformação dessa mídia rasteira, suja  
[e medíocre,

Essas que invadem os lares, vendendo a hegemonia, matando  
os que sonham, enfraquecendo os que ainda acreditam,

Matem a hipocrisia, a desvantagem, a desgovernagem que  
assola essa pátria que, por ora, nenhum pouco mãe, nenhum  
[pouco gentil,

Matem esse racismo que olha para mulher negra e logo grita:  
lá vai a cabelo de Bombрил...

Por favor, matem esse sentimento tão imbecil.

Matem esse nojo burguês, que insiste em afirmar que nesse  
[terreiro, só ele terá vez!

Matem os parasitas que vivem da corrupção, que com  
dinheiro saqueado dos pobres comem filé de boi wagyu e  
[pizza royale.

Matem a ganância desses que pagam pelas comidas mais  
caras do mundo com suor do nosso trabalho, enquanto  
milhares de crianças não conhecem o cheiro de feijão, não  
tem cobertor, muito menos teto.

Matem, matem a maldade dentro dos “homens.”

Deixem-nos viver nossos afetos, amores concretos

Viver a multiculturalidade, herdada dos nossos antepassados,

Deixem-nos viver o bem viver, a justiça social, os direitos e a  
[dignidade.

Deixem a boniteza da vida pulsar

Ressuscitem o lado humanus, que se perdera em nós no meio  
dessa corrida em busca do ter.

Eu suplico, voltemos a ser, seres humanos.

## O Troco

Era manhã de 2003, a campainha da minha casa tocou, em meio a uma faxina.

Suada, vestida de mini-shorts, abri a porta do meu apartamento.

Do lado de fora, uma jovem branca com crachá de agente de saúde, com uma cara torcida me pergunta:

- A dona da casa está?

Pensei: Mas ora! Ela nem me deu bom dia!

Pois bem, provavelmente no pensamento daquela agente de saúde eu, uma jovem negra de cabelo black, não poderia ser a dona daquele apartamento no bairro dito "nobre".

É assim que a sociedade racista ensina e pensa. Em suas mentes medíocres nós negras, nascemos para sermos o que eles querem, por isso, nos tiraram e nos tiram o direito de sonharmos e escolhermos nossos caminhos profissionais.

Voltando ao assunto da moça branca...

Solicitei educadamente que ela entrasse, sentasse e aguardasse.

Tranquei a porta da sala e me dirigi a meu quarto, troquei de roupa, me arrumei toda e depois de um bom tempo fui à sala e sorridente eu disse:

- Estou à sua disposição. O que desejas?

Eu era uma sapeca de 24 anos, não faço mais isso. Hoje, aplicaria uma aula antirracista

*e esperaria o cérebro da criatura ativar.*

*Muitas vezes funciona, não podemos desistir, são séculos de ideologia colonial, eles precisam nos enxergar e nos respeitar.*



rebeca  
dos santos





Sou uma pessoa “arteira” e falo das minhas ideias e das minhas raízes com a arte. Com o corpo e a poesia comunico muita coisa de mim. No corpo respondo o que sou, em cada movimento um sentido eu digo. Sou baiana, negra e da periferia e nos meus trabalhos sejam com o movimento ou com as palavras falam muito desse lugar de raiz. E nessas raízes firmadas busco conhecer ainda mais sobre elas.



## Som

Tum, tum, tum som do tambor que bato de minha casa  
Som que se mistura no POW POW POW dos  
tiros que ouço da minha janela.

O som é seco, ecoa de longe.

Da outra janela ouviram também e saíram  
para olhar, pois conhecem o som seco e sabem  
o que é.

Foi morte.

Desce a minha vizinha com o filho agarrado no  
peito pra ver quem foi.

Desce todo mundo da escadaria pra ver quem foi.  
Desceram todos os curiosos pra ver o tumulto,  
pra ver a estatística.

A estatística que a favela viu antes que a mídia.

A estatística foi um jovem negro.

Desceram para ver a estatística, desceram pelo  
som seco do tiro.

Desceu a mãe pra ver que foi o seu filho.

Desci também pra ver quem era, e vi antes do  
jornal que morava do meu lado.

Os jornais colocaram a câmara em cima, e  
narraram em voz alta que mais um pedaço da  
carne mais barata se foi.

O curioso desceu pelo som.

O som anunciou.

No POW POW POW seco se findou

## Irmã Judith

Mano Brow já dizia:  
"Ore por nós pastor, lembra da gente  
No culto dessa noite, firmão segue quente  
Admiro os crente, da licença aqui?"

Da licença aqui, pois eu vou falar da irmã Judith. Pois do pastor da quebrada o Mano Brow já falou. Agora vou falar da irmã Judith, mulher negra, 62 anos, da quebrada e mulher guerreira. Judith desce escada, sobe escada pede licença a um, pede licença a outro para passar no beco de sua escadaria, dá bom dia pra todos do beco e continua seu percurso com o neto no colo e segue o seu caminho para comprar o pão de cada dia.

Vira mais uma escadaria e dobra mais um beco onde se depara com mais uma galera, nessa galera ela dá bom dia e entrega um folheto da palavra de Deus e segue seu rumo.

Rumo aonde a cabeça irá esfriar, pois a cabeça tá que se preocupa com a vida.

Rumo aonde colocará as coisas no lugar.

Rumo que ela busca em comunidade partilhar e com outras irmãs negras da quebrada e guerreiras de oração que passam a mesma coisa e se colocam no seu lugar.

São dores da vida, são dores do peito.

Mas em cada dor e em cada experiência um testemunho a trocar com as suas irmãs de círculo de oração.

Círculo de cuidado, aliança de amor.

Na sua dor uma lista que chega ser maior do



que a compra do mês que precisa fazer para sua casa.

- É o filho preso;
- Um neto pequeno para criar;
- O leite que acabou;
- O pão que precisa colocar na mesa;
- a solidão;
- o racismo;
- o preconceito;
- ser mãe solteira.
- .....

Mas mesmo com as dificuldades da vida ela de joelhos calejados está a orar e gritando do alto da sua quebrada que Deus tudo proverá.

Seus joelhos calejados dão resposta ao mundo.

Resposta de fé

De ser.

De ter e não ter.

De florescer mesmo no concreto.

Florescer como mulher guerreira.

Floresce pelas palavras, e pelas palavras aponta algo mais alto que ela, mais alto que o topo do morro.

The top section of the graphic features two stylized icons. On the left is a sun with a red center and white rays. On the right is an eye with a red center and white eyelids. Both are set against a teal background with abstract, angular shapes.

susi ellen  
frança passos





*Meu nome é Susi, tenho 24 anos, moro em Cariacica, mas morei na Serra por quase 13 anos. Desde nova eu sempre rabiscava alguma coisa, mas foi recentemente que me descobri na arte, passei a desenhar com mais frequência e eu amo me dedicar a isso.*

sem título \ 2016-2017 \ caneta sobre papel



Susi Ellen 7  
♡



sem título \ 2016-2017 \ caneta sobre papel



Susi Ellen 7  
♡



*Eu, mulher preta, crespa e baiana. Menina mulher estudante de História, dona de um riso fácil e olhar atento. Olhar marginal, pois reparo naqueles que foram/ são invisibilizados, excluídos e silenciados pelo sistema, a sociedade e a história. Às vezes escrevo sobre gente como eu: pret@s, pobres e periféri@s. No mais, adoro ouvir jazz, soul, reggae e muito batuque afro.*





laiane  
gomes santos



## O meu menino

O relógio na sala e ela no portão  
Horas, minutos e segundos  
O tempo passa e nada  
Olha pro relógio, está preocupada  
O motivo é só um: O seu menino que não aparece  
O menino que deixou de ser  
Ou o homem que pode não mais existir  
Ela não dorme enquanto ele não voltar  
17 anos de preocupações, restrições e superações  
Nascido do abandono o seu menino vingou  
Não pelo pai, ah esse logo os deixou  
A.B.O.R.T.O.U  
E ela lembra bem o que escutou  
Ele gritou bem alto:  
NUNCA FICARIA COM UMA MULHER DE COR!  
Essas palavras  
Cada palavra  
Doeu, feriu, chorou, sangrou, mas sarou  
E mainha não largou o seu ventre de amor  
Só Deus sabe o que passou  
Por isso desde cedo ensinou  
- Meu menino tome cuidado, pois nossa cor  
[grita e desperta ira. Vigie tua vida.  
E assim ele cresceu, cabelos brancos me deu  
Infinito amor  
Ah! Lá vem ele  
Até que enfim chegou  
Meu menino  
- Benção mainha  
- Deus lhe guarde filho!

## Lamento de mãe

Minha Dandara

Te daria esse nome de guerreira para que tivesses outra história.

Esperanças eu tinha, pra você outra trajetória  
Que o nome da lutadora de palmares lhe servisse e libertasse dessa triste sina que marca as mulheres da nossa família. Traços em comum: Mulheres pretas, pobreza... porradas.

Minha Dandara tu não merece

Nenhuma mulher merece.

Receber porrada por ser mulher?

Receber porrada por ser mulher preta?

Receber porrada por ser mulher preta e pobre?

Ser ou não-ser?

Ser excluída, marginalizada, humilhada.

Não ser vista, ouvida, acudida ou acolhida.

Filha tu não vai passar por isso!

Ainda tenho força pra nos libertar.

Nós não merecemos!

Em memória das nossas ancestrais,

Resistiremos!

Não aqui no Ayê,

mas em Orum.

Retornaremos.

**UmDiaTodasAsMulheresPretasVãoSeLiber  
tar!rãoRevidarNãoMaisAceitarSomosCan  
dacesFilhasDasYabásQuemUmDiaNosViolen  
toulráNosReverenciar.**